

## ■ ARTIGOS

# ■ O esporte como conteúdo da educação física escolar: uma análise sobre sua abordagem em escolas do Distrito Federal

 *Charles Phetterson Pereira Quirino de Sousa \**  
*Pedro Fernando Avalone Athayde \*\**

**Resumo:** Este estudo é resultante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) e tem como objetivo investigar como o esporte é concebido dentro do ambiente escolar no Distrito Federal (DF). Como procedimentos metodológicos foram adotados a análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) e entrevistas semiestruturadas com os professores das escolas selecionadas, vinculadas à Coordenadoria Regional de Ensino de Samambaia no DF. Após a apreciação das entrevistas e dos PPPs, a análise dos dados demonstrou que a abordagem do esporte se distanciou de uma perspectiva esportivista, seletiva e excludente, como nos moldes do esporte de alto rendimento. Conquanto não seja possível afirmar a presença de uma miragem crítica, ou seja, embasada/relacionada diretamente às abordagens críticas da Educação Física, identifica-se uma tendência mais democrática e inclusiva. Na leitura dos PPPs observou-se um tratamento insuficiente do componente curricular Educação Física e do conteúdo esporte, o que possivelmente decorre de um distanciamento do professor específico da área do processo de elaboração do projeto. Verificou-se ainda que os docentes parecem necessitar de maior aproximação e familiarização acerca do Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

**Palavras-chave:** Educação. Escola. Educação Física. Esporte.

---

\* *Charles Phetterson Pereira Quirino de Sousa é graduado em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília, especialista em Educação Física Escolar e em Atendimento Educacional Especializado, mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília - UnB (Mestrado Profissional em Educação Física). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Formação Sociocrítica em Educação Física, Esporte e Lazer (AVANTE/UnB). Contato: prof.charles@hotmail.com*  
\*\* *Pedro Fernando Avalone Athayde é doutor em Política Social pela Universidade de Brasília-UnB. Coordenador do Grupo AVANTE-UnB. Professor da Faculdade de Educação Física da UnB. Contato: pedroavalone@gmail.com*

## Introdução

Atualmente o esporte é considerado um dos grandes fenômenos socioculturais da cotidianidade, mobilizando pessoas como praticantes, espectadores ou consumidores. Simultaneamente, o esporte conforma forte aparato econômico, ocupando grande espaço no mercado e na mídia. Ao mesmo tempo, apresenta-se como um dos principais conteúdos da Educação Física escolar, frequentemente adotado pelos professores.

Os questionamentos sobre a forma como é tratado dentro do componente curricular da Educação Física instigam análises do esporte como conteúdo escolar. E, diante disso, torna-se importante pensar sobre as possibilidades de abordagem; refletir sobre maior diversidade e pluralidade em seu uso no ambiente escolar; além de ponderar sobre a oferta de outros conteúdos da cultura corporal.

Cabe destacar que a oportunidade de refletir sobre a prática pedagógica de forma mais aprofundada se substancia a partir do mestrado profissional (PROEF)<sup>1</sup>, já que nem sempre é possível fazê-la inserido na rotina escolar, mesmo naquelas horas de planejamento. O ensino possibilita levar essas reflexões para dentro da escola, estabelecendo diálogos profícuos com os professores e problematizando as relações/tensões entre teoria e intervenção pedagógica.

Reconhece-se, igualmente, a importância de realizar análise sobre o papel da escola e da Educação Física escolar, a fim de problematizar como se relacionam com o objeto esporte, podendo compreendê-lo em suas diversas matizes e formas de apropriação. Ademais, pretende-se também conferir se os aspectos renovadores da área são empregados, nomeadamente na adoção do esporte como elemento do processo de transformação pedagógica.

No processo de investigação da abordagem do esporte, é relevante identificar se, por um lado, ainda é possível observar um viés esportivista no âmbito escolar, visando à seleção de “talentos” para as competições escolares; ou se, por outro lado, o esporte é incorporado pelos professores a partir de uma perspectiva crítica, reflexiva e inclusiva. Evitando simples dicotomias, a partir dessa observação, também se prevê a possibilidade de configurações híbridas ou ecléticas.

Para maior familiarização quanto à produção de conhecimento sobre a temática, além da análise dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) e das entrevistas, foi realizada pesquisa exploratória que contemplou um recorte dos estudos relacionados ao esporte educacional e escolar na última década (2008-2018)<sup>2</sup>, com o intuito de identificar qual a perspectiva contemporânea abordada pelos autores. Nessa pesquisa observou-se que a maior parte dos estudos relacionados ao esporte possui

proximidade à Educação Física escolar, com suas diversas abordagens e perspectivas, caracterizando-o como conteúdo do componente curricular.

Face ao exposto, esse artigo traz como objetivo principal analisar a concepção do conteúdo esporte nas escolas vinculadas à Coordenadoria Regional de Ensino de Samambaia no Distrito Federal.

## Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa social (MINAYO, 2007), de abordagem qualitativa e dialética. De acordo com Oliveira (2010, p.37), a pesquisa qualitativa é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico”.

Segundo Marconi e Lakatos (2010), a perspectiva dialética compreende que as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento permanente. Ou seja, nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em vias de se transformar e se desenvolver. O fim de um processo é sempre o começo de outro.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília<sup>3</sup>. Como procedimentos metodológicos foram selecionadas as técnicas de entrevista e a análise documental.

As entrevistas semiestruturadas se orientaram por roteiro composto por dez questões e tiveram como amostra dez professores, escolhido aleatoriamente, de escolas de ensino fundamental da Secretaria de Educação pertencentes à região administrativa de Samambaia no Distrito Federal (DF). Para preservar o anonimato das fontes, os nomes dos professores foram ocultados.

A análise documental apreciou os PPPs de 2018 das respectivas escolas, com o intuito de analisar o tratamento que a Educação Física e o esporte recebem nestes documentos. Além disso, cotejou-se as informações das entrevistas e PPPs com a proposta curricular do DF, conhecida como Currículo em Movimento.

## Relações entre esporte e escola

O esporte, na sociedade contemporânea, pode assumir um espectro variado de papéis. De acordo com Gaya (1994), o esporte tornou-se plural e dentro dessa pluralidade assumiu novas formas e modelos, novos valores e sentidos. Pode aparecer como comércio, indústria, atividade cultural, estilo de vida, fator econômico, fator de socialização, meio de educação e formação, estratégia de saúde e objeto de investigação científica.

Segundo Bracht (2005, p. 9), o esporte moderno,

surgido no interior da cultura europeia no século XVIII, “tomou como de assalto o mundo da cultura corporal de movimento, tornando-se sua expressão hegemônica, ou seja, a cultura corporal de movimento esportivizou-se”.

Esse processo de expansão, logo chegou ao Brasil, sob influência das orientações internacionais. Para Tubino (1992), o primeiro documento internacional a influenciar a reconceitualização do esporte foi o *Manifesto mundial do esporte* da UNESCO, que reconheceu o esporte além do rendimento, incorporando suas manifestações no âmbito educacional e do tempo livre, aberto para todos.

Influenciado pelas referências internacionais, a legislação esportiva brasileira (Lei nº 9615/1998 – alterada pelo Decreto nº 7984/2013) classificou o esporte nas seguintes manifestações: educacional, participação, rendimento e formação. No caso do esporte educacional, observa-se a premência por um vínculo junto às políticas educacionais, ao planejamento pedagógico e ao processo de escolarização. Ademais, para Taffarel (2000), o esporte não pode ser admitido fora do contexto de reinvenção e transformação da sociedade.

Nessa perspectiva, a Educação Física no âmbito escolar aborda, pedagogicamente, um conhecimento denominado de cultura corporal. O esporte, enquanto conteúdo do componente curricular, insere-se como um dos temas dessa cultura:

O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como esporte “na” escola. (SOARES *et al.*, 2013, p.59).

A prática esportiva educacional deve estar, de acordo com essa perspectiva, relacionada à transformação, possibilitando educar e transformar o indivíduo ou até mesmo uma sociedade. A escola, por possuir autonomia pedagógica, se configura em espaço ideal para essa metamorfose.

É, sobretudo, embora não exclusivamente, na escola que se estabelece uma relação especial com o esporte, afinal, é ali que o conhecimento produzido pelo homem é pedagogizado e tratado metodologicamente para que o aluno venha a apreendê-lo ou apreendê-lo (OLIVEIRA, 2001, p.6).

Considerando que o esporte escolar deve ser inclusivo e respeitar a diversidade, depreende-se que os alunos podem aprendê-lo na perspectiva da autonomia e praticá-lo independentemente de condições físicas, raça, cor, sexo, idade, religião ou condição social, através de atividades auto-organizadas e autodeterminadas

(BRASIL, 2005). Ao mesmo tempo, compreende-se que o ensino do esporte na escola não deve se circunscrever à formação de uma futura elite esportiva, visando ao alto rendimento - o que, por outro lado, não significa a eliminação da técnica e da competição como elementos ou estratégias didáticas.

Da forma como vem sendo tratado no interior da escola, o esporte - com suas características e abordagens atuais - tem sido bastante questionado devido a sua caracterização hegemônica do alto rendimento. Kunz (2003, p. 125) evidencia isso ao afirmar que:

[...] o esporte ensinado nas escolas enquanto cópia irrefletida do esporte competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria.

Conclui-se, a priori, que a estrutura organizacional do esporte fomentada pelo Estado deve contemplar os locais e meios adequados para a realização de um trabalho específico de iniciação desportiva, distintos do componente curricular Educação Física e preferencialmente do ambiente escolar. Cabe, por conseguinte, aos professores tratar o fenômeno esportivo como um dos conteúdos da Educação Física, porém em diálogo com a função social da escola, o que passa por responder a seguinte questão: qual a intencionalidade pedagógica do esporte escolar?

Segundo Castellani Filho (1997), o esporte presente no espaço escolar, deve estar comprometido com os objetivos desta instituição e não com os da instituição esportiva, tornando-se legitimamente possível falarmos do esporte da escola e não do esporte na escola. Não obstante as densas discussões das décadas de 1980 e 1990, resistem, ainda hoje, questionamentos acerca da dicotomia esporte “da” escola e esporte “na” escola.

Vago (1996) apresenta a ideia central de que a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade.

Em determinado período histórico, especificamente nas décadas de 1960 e 1970, o esporte sofre um grande desenvolvimento quantitativo subordinado aos códigos do setor esportivo. Nota-se, desde então, que a instituição esportiva submete a escolar aos modelos de reprodução hegemônica do alto rendimento.

Os códigos da instituição esportiva podem ser resumidos em: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo é sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas. O que pode ser observado é a transplantação

reflexa destes códigos do esporte para a Educação Física. Utilizando a linguagem sistêmica, poder-se-ia dizer que a influência do meio-ambiente (esporte) não foi/é selecionada (filtrada) por um código próprio da Educação Física, o que demonstra sua falta de autonomia na determinação do sentido das ações em seu interior (BRACHT, 1997, p. 22).

Vago (1996, p. 8) aponta para o seguinte paradoxo da Educação Física quando ensina o esporte na escola: “A Educação Física conquista a sua legitimidade pedagógica na medida em que perde sua autonomia pedagógica”. Dessa maneira, indaga-se sobre o esporte escolar: A Educação Física na escola tem sido apenas um meio para transmitir e reproduzir os códigos e interesses do esporte de alto rendimento? Está apenas a serviço da indústria do esporte, valorizando-o como mercadoria?

Diante destes questionamentos, é preciso reconhecer que há um movimento de resistência que parte da própria escola com seus “códigos e funções” específicas, tentando romper com essa barreira a fim de pedagogizar o esporte.

[...] a Educação Física, em se realizando na instituição educacional, presume-se, assume o estatuto de atividade pedagógica e, como tal, incorpora-se aos códigos e funções da própria escola (BRACHT, 1997, p.17).

Vago (1996) entende que há duas ideias importantes contidas nessa consideração. A primeira é de que a escola tem seus próprios códigos e funções, admitindo que ela possui uma certa autonomia como instituição social. A segunda decorre imediatamente da anterior; a Educação Física (e os temas que ela vai ensinar, entre os quais o esporte), assume e incorpora em seu ensino esses “códigos e funções” escolares.

No Brasil, o debate acima ganhou força especialmente na década de 1980, frente a toda conjuntura social da época. Trata-se de um período de crítica, ou melhor seria dizer de denúncia, sobre a hegemonia e o modelo de esporte praticado nas escolas por meio da Educação Física (KUNZ, 2003).

Diante desse contexto, evidenciou-se a necessidade de se valorizar o esporte da escola, ou seja, que a instituição criasse sua própria cultura escolar, abordando o esporte com viés de transformação e não apenas de reprodução. Souza (2009) afirma que o ensino do esporte escolar deve estar comprometido em oferecer possibilidades aos alunos de apropriarem-se do conhecimento do esporte de maneira a garantir a sua prática a todos.

A autora enfatiza que acredita ser possível que, ao apropriar-se de um conteúdo de ensino, no caso o esporte, os sujeitos envolvidos – alunos e professores – ao tempo em que acrescentam novos dados à cultura corporal têm a possibilidade de refletir sobre a sua prática social.

Nesse sentido, cabe ao professor desenvolver uma

didática para o ensino do esporte na escola, comprometido pedagogicamente em oferecer possibilidades aos alunos de apropriarem-se do conhecimento do esporte de maneira a superarem a imediatividade de sua realidade cotidiana.

Retomando sobre as peculiaridades do esporte “na” e “da” escola, Oliveira (2001) aborda um ponto que requer reflexão. Diferente de outros autores, expõe que o esporte da escola pode ser exatamente igual ao esporte na escola, e que, portanto, a possibilidade de se manifestarem de formas diferentes está inscrita na esfera da ação do professor em sua prática pedagógica.

Com a intenção de responder à questão inicial, compreende-se que, independente da terminologia, o importante é que o esporte que adentra os muros da escola seja pedagogizado, passando por um processo de transformação e criando sua própria identidade, a fim de que essa dicotomia “na” e “da” seja compreendida e superada, uma vez que são coisas distintas.

De forma resumida conclui-se que o “esporte na escola”, a instituição escolar pode constituir-se em cenário para qualquer manifestação do esporte, inclusive do esporte de alto rendimento, desde que em atividades extracurriculares. Já o “esporte da escola” passa a ser conteúdo do componente curricular Educação Física, apresentando características e valores educacionais, podendo sofrer transformações a fim de atender a todos os alunos.

## Os Projetos Políticos Pedagógicos

Para nortear a organização do trabalho da escola, o primeiro ato fundamental é a construção do PPP, o qual deve assumir a função de coordenar a ação educativa a fim de que ela atinja os seus objetivos. Veiga (1998) afirma que o projeto pedagógico aponta um rumo, uma direção, um sentido explícito para um compromisso estabelecido coletivamente. É, portanto, a identidade da escola. Diante disso, espera-se, em relação aos componentes curriculares, que os professores de todas as disciplinas participem ativamente da construção do documento, reconhecendo o valor significativo que ele possui, suas ações pedagógicas e fundamentação teórica.

Conforme consta na LDB (Lei nº 9394/1996), a Educação Física é identificada como componente curricular integrado ao projeto político pedagógico da escola. Esse fato tem significativa importância para o reconhecimento e valorização da Educação Física como disciplina integrante da grade curricular, bem como do próprio professor da área como sujeito da comunidade escolar, responsável pela construção coletiva do PPP da escola. Kunz (2004, p.62) corrobora esse ponto de vista ao enfatizar que “essa presença é o que lhe atribui sentido, torna-a partícipe, conferindo-lhe um modo próprio de ser/estar no mundo escolar”.

Mesmo diante do exposto, a análise documental apontou que a Educação Física está insuficientemente integrada aos PPPs das unidades escolares investigadas. Pouco se notou a sua presença e em alguns casos foi totalmente desprezada. Verificou-se também que nenhum dos documentos sinalizou como o esporte deve ser trabalhado, nem sequer discute sobre o seu papel dentro da escola e da Educação Física escolar.

Apenas um dos PPPs analisados teve algum êxito na tentativa de debater a Educação Física e o esporte de uma forma mais detalhada. Juntamente com mais três documentos, foram os únicos que se relacionaram com o componente curricular de forma específica, porém esses outros tratam a Educação Física de forma superficial sem trazer elementos de abordagem do esporte como conteúdo.

O projeto pedagógico em questão trata o componente curricular de forma específica, reconhecendo a Educação Física como campo de conhecimento pedagógico ligado à cultura corporal, contribuindo para formação integral do estudante nas dimensões afetiva, cognitiva, social e motora. O PPP enfatiza que o processo de ensino e de aprendizagem permite correlacionar dimensões humanas a conhecimentos socialmente construídos, propiciando abordagem articulada a eixos transversais do currículo da Secretaria de Educação do DF (SEEDF). Além disso, identificou-se outros aspectos relevantes em relação ao trato da Educação Física no documento, sinalizando para uma abordagem crítica.

A dinâmica curricular no âmbito da Educação Física deve articular a possibilidade de fruição e apreensão crítica dessa prática social. Assim, a cultura corporal cumpre demandas que se desenvolvem em múltiplas dimensões da vida - social, econômica, afetiva, cognitiva, mediadas por intervenções pedagógicas sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história.

No tocante ao esporte, o documento faz alusão a ele no contexto da cultura corporal, trazendo o Coletivo de Autores<sup>4</sup> como referência, mais uma vez se relacionando com uma perspectiva crítica. Segundo os autores da obra, o esporte se projeta numa dimensão complexa que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica, devendo ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte "da" escola, privilegiando o coletivo sobre o individual. Enfatiza ainda, que o programa de esporte se apresenta com a exigência de desmistificá-lo através da oferta na escola, a fim de permitir aos alunos criticá-lo dentro de um determinado contexto socioeconômico-político-cultural.

Um detalhe importante observado em relação aos conteúdos da Educação Física, dentre eles o esporte, foi a autonomia dada ao professor, sinalizando que

ele não deve se restringir aos conteúdos relacionados na proposta curricular. Além disso, há uma tentativa de estímulo à diversidade dos conteúdos.

A especificação de conteúdos relativos a elementos da cultura corporal (esporte, ginástica, jogos, lutas, atividades rítmico-expressivas), pela própria característica de construção permanente dessas práticas, aborda vasto rol de movimentos, que muitas vezes vão modificando-se, o que possibilita ao professor não restringir-se a conteúdos relacionados na proposta curricular.

Ressalta-se ainda que nenhuma das escolas, por intermédio dos seus PPPs, abordou de forma mais relevante e aprofundada o esporte como manifestação da cultura corporal e conteúdo da Educação Física escolar, tampouco como um fenômeno cultural a ser tratado pedagogicamente para ser contributivo em diversos aspectos dentro do ambiente escolar.

Enquanto construção coletiva, com participação efetiva dos professores, o PPP deveria conter informações específicas e ações pedagógicas acerca de todos os componentes curriculares, sendo um referencial pedagógico da unidade escolar. Especificamente sobre a Educação Física, por estar fundamentada nas diretrizes curriculares e por fazer parte de um projeto de escolarização, necessita estar conectada ao PPP da escola. Nesse caso, o professor é peça fundamental para fazer a articulação da disciplina ao projeto.

De forma geral, nota-se certa negligência com a Educação Física e com o esporte nos documentos, que talvez tenha se efetivado pelo fato do professor específico da área ter ficado à margem do processo de elaboração do PPP, seja por razões pessoais, institucionais ou culturais. A presença do professor é de fundamental importância, a fim de se posicionar e colocar sua visão de mundo, expressando a importância da disciplina, muitas vezes discriminada pela comunidade escolar.

A Educação Física escolar enquanto componente curricular é um dos responsáveis pela formação do cidadão, e por isso, deve participar das discussões referentes à construção do PPP [...] O professor de Educação Física, que é membro do coletivo escolar, tem tarefas e responsabilidades a cumprir e deve estar comprometido com o seu papel pedagógico e político (DARIDO; VENÂNCIO, 2012, p. 103).

Mattos e Neira (2000) ratificam esse entendimento ao afirmarem que o professor de Educação Física deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o componente curricular no mesmo patamar de seriedade em relação aos demais e fortalecendo o compromisso com a formação do estudante. Enfatizam também que em diversas escolas a disciplina de Educação Física encontra-se desprestigiada e relevada a segundo plano.

## Trajatória acadêmica e profissional

Traçando o perfil acadêmico da amostra, 90% dos entrevistados são provenientes de instituições privadas de ensino superior. Em relação à motivação para cursar Educação Física e ser professor da Educação Básica, 60% sinalizaram a proximidade com o esporte e, em menor percentual, o gosto pela prática e a vida pregressa de atleta de alguma modalidade esportiva.

Eu me interessei pela Educação Física, pela parte esportiva, porque eu já fui atleta de futebol de campo, já fui atleta de handebol, já fui atleta de futebol de salão, né? O atual futsal e eu já fui atleta de remo, então durante a minha juventude eu participava muito, eu competia bastante, normalmente nos anos que eu estudei no colégio militar, eu praticava muito o desporto e eu criei esse interesse, né? E seguir como profissional de Educação Física (Professor 2).

Os relatos demonstram que o esporte influenciou a maioria dos entrevistados no que diz respeito à escolha do curso superior, dado que corrobora com estudos anteriores. Figueiredo (2004), por exemplo, ao pesquisar sobre a formação docente em Educação Física, relata que:

A maior parte das respostas afirmava que a escolha pelo curso decorria da identificação com o esporte de alto nível ou pela própria experiência escolar voltada ao esporte, ou seja, pela experiência social que o aluno mantinha com essa área do saber (p.96).

A maioria relatou que durante a graduação os esportes eram abordados por disciplinas específicas de cada modalidade, sendo que 40% destacaram que a metodologia de ensino se pautava em aspectos técnicos, relacionando-se com uma perspectiva voltada para o alto rendimento

O esporte dentro da graduação, ele é muito presente, de forma bem técnica mesmo, não é esporte como meio, é esporte como fim e acho que talvez daí a dificuldade quando a gente chega na escola pra trabalhar, porque aqui não pode ser o esporte como fim, né? O esporte como meio, então, talvez, surja daí tantas dificuldades que a gente enfrenta. Outra coisa que não condiz com a realidade é que na faculdade a gente tinha 20 bolas, 30 bolas, uma bola pra cada aluno, então todas as metodologias que os professores passaram ali, eu não posso usar aqui, na minha realidade com 40 alunos e duas bolas. Então, tudo tem que ser adaptado e essa adaptação a faculdade não ajudou, né? (Professor 3)

O esporte como fim se assemelha ao esporte de alto rendimento e a busca pela técnica com finalidade pedagógica, ao passo que como meio, significa que ele pode ser utilizado como mediação para outros objetivos do ambiente escolar, como, por exemplo: comunicação, inclusão, socialização etc.

Tais características sinalizam significativa presença do caráter esportivo na formação profissional, mesmo na licenciatura, bem como a persistência do paradigma da aptidão física como influência na identidade epistemológica da área. Kunz (2004, p.71) afirma que é possível perceber que no ensino dos esportes no âmbito da formação em Educação Física ainda é predominante, em comparação com os aspectos pedagógicos restritos à competência objetiva ou técnica.

Há também relatos acerca de uma dualidade de abordagem, numa conformação híbrida, tanto com viés tecnicista relativos à formação esportiva, quanto aos aspectos formativos de uma formação mais abrangente.

Na faculdade, foi uma formação assim, principalmente direcionada à técnica, à metodologia de ensino do esporte, mas, também, com essa preocupação de você formar não só o atleta, mas o cidadão (Professor 5).

Outro professor ao ser questionado como era a abordagem do esporte na graduação sinaliza da seguinte forma:

Dependia muito do professor [...] tive professores que orientaram a gente para um trabalho com formação, na nossa formação como professor e alguns outros, poucos, menos que esses primeiros, que nos, quase que nos preparavam como atletas (Professor 1).

A fala dos entrevistados evidencia como a dimensão empírica, seja anterior ou atual, pode influenciar na prática pedagógica do professor formador, mesmo em nível de graduação. Essa influência, a priori, não constitui um problema, desde que não se converta na referência única para o planejamento e intervenção pedagógica.

Em função de um contato muito elementar com determinados saberes, muitos professores buscam em sua prática pedagógica, como elemento de referência, os saberes das suas experiências e vivências. O professor que possui uma relação muito próxima com o esporte de alto rendimento pode acabar direcionando sua prática a partir dos princípios e características dessa experiência pregressa.

O Professor 7, um dos poucos que tiveram uma formação para o ensino do esporte mais voltado para a área escolar, evidencia em suas palavras a mesma linha de raciocínio ao ser questionado sobre a abordagem do esporte na sua formação.

Era mais voltado pra Educação Física Escolar. E eu tento trazer isso pras minhas aulas [...] eu trago esses conteúdos com a visão de vivência, eles vivenciar, não pra formar atletas. [...] Inclusive, eu tive alguns professores que eles eram

próprios da Secretaria, então, tinha muito essa visão, né? Da Educação Física Escolar (Professor 7).

Portanto, os relatos evidenciam a importância da presença de professores na formação inicial, que saibam combinar o conhecimento técnico da modalidade com as especificidades (códigos próprios) do ambiente escolar. Em suma, percebe-se que a amostra indicou que a formação técnico-desportiva predominou em relação à formação voltada à Educação Física escolar, conferindo ao licenciado uma formação esportivista, apontando possível distanciamento entre a formação acadêmica e a prática pedagógica que se realiza no interior da escola.

## Organização e planejamento pedagógico

Para identificar se o esporte aparece como conteúdo prioritário no planejamento dos professores, realizou-se questionamento acerca de quais conteúdos da Educação Física escolar são priorizados, caso exista uma priorização. O “esporte” apareceu em condição de igualdade com o tema “saúde”, ambos com 30% da amostra. Além disso, 20% dos participantes afirmaram não priorizar, embora com citações à formação esportiva e ao tema da saúde; 10% apontaram o conteúdo “lutas” e outros 10% para o “conhecimento do corpo”. A priorização fica evidente nas seguintes falas:

Atualmente, a gente continua priorizando o desporto mesmo, o desporto coletivo, porém a gente tem dado uma margem maior para outras atividades, atividades lúdicas, né? (Professor 2).

O esporte, o esporte em si, ele é o mais priorizado aqui, por mim [...] sempre enfatizando que o objetivo da escola não é formar atletas e sim cidadãos responsáveis, então todos os conteúdos têm essa abordagem social (Professor 3).

O último professor acredita que se trata de uma questão cultural e que a Educação Física escolar acaba se entrelaçando com o esporte, visão que reforça hegemonia do esporte no âmbito da cultura corporal, apontado por Bracht (2005).

Durante as entrevistas, alguns professores chegaram a relatar que a Educação Física se confunde com o esporte, sendo tratados como sinônimos. O Professor 5 ratifica ao dizer: “Pra mim, é sinônimo mesmo, você fala em Educação Física, você liga diretamente ao esporte, então, pra mim, não tem separação.”

Para Vago (1996), o esporte é legitimado pela sociedade e é exatamente isso que garantiria legitimidade para o ensino da Educação Física na escola: ensinar esporte. Concluindo que a Educação Física quando ensina o esporte na escola conquista a sua legitimidade na medida em que perde a sua autonomia pedagógica.

Concomitante com o esporte, o tema saúde mostrou-se bastante relevante em relação ao planejamento dos professores entrevistados.

No meu particularmente é a promoção de saúde [...] questão de nutrição, prevenção, mas principalmente no âmbito da alimentação [...] qualidade de vida, bem estar (Professor 8).

Em relação ao planejamento e organização pedagógica para o desenvolvimento do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física, maioria apontou fazer o planejamento de forma coletiva com os demais professores de Educação Física da escola. Metade da amostra sinalizou trabalhar um esporte por bimestre, dentre eles o futsal, basquete, vôlei e handebol, evidenciando a hegemonia das quatro modalidades, conhecida popularmente por “quarteto fantástico”.

Inicialmente, no começo do ano, como a gente faz o planejamento anual, eu conversando com os outros professores também de Educação Física [...] eu defini que trabalharia um esporte por bimestre [...] e defini que trabalharia no primeiro bimestre o futsal, segundo bimestre voleibol, terceiro bimestre basquetebol e o quarto bimestre handebol (Professor 5).

Alguns professores relataram abordar o esporte em conjunto com outros conteúdos.

No início do ano a gente faz o planejamento de curso e eu procuro colocar um conteúdo por bimestre, um esporte por bimestre e um tema transversal também para ser trabalhado junto com aquele esporte por bimestre (Professor 3).

Trabalho um grande esporte por bimestre separado, mas não apenas ele (Professor 10).

A fala do Professor 10, ao utilizar o termo “grande esporte”, o associa novamente às quatro modalidades, atribuindo grau de importância maior em relação às demais. Betti (1999) afirma que o esporte se tornou o conteúdo hegemônico na Educação Física, porém apenas algumas modalidades são eleitas pelos professores, sendo trabalhada uma modalidade a cada bimestre letivo, sobretudo aquelas mais tradicionais.

Uma parte sinalizou não priorizar o trabalho de um esporte específico por bimestre. O Professor 9 afirma oferecer uma gama maior de esportes, tentando fugir do tradicional, enfatizando que o currículo da SEEDF contempla a abordagem de outros esportes. Os professores de trato específico oscilam entre a preocupação com a aprendizagem da técnica, enquanto outros procuram trabalhar de forma mais crítica.

Eu utilizo uma aula semanal pra fazer esse trabalho com relação ao desporto, pra passar os fundamentos do desporto, as técnicas, as táticas, então a gente utiliza uma aula semanal (Professor 2).

Nós professores, temos a obrigação de mostrar o esporte como meio e não somente como fim, né? Então, é aquela questão, que eles veem e querem jogar e querem fazer como eles veem na mídia, então, cabe ao professor mostrar que não, que não é assim, que na hora do empurrão ali, você tem que pedir desculpas, pegar na mão do colega, ajudar a levantar, então, a gente tem sim, trabalha sim, muito esporte na Educação Física Escolar, mas é nossa obrigação trazer esse lado social (Professor 3).

Três professores relataram inserir jogos para contemplar o ensino do esporte.

Eu sempre trabalho primeiro a fundamentação teórica, pra depois a gente ir pra prática [...] e são os jogos educativos né? Gosto muito de trabalhar com jogos educativos, pra mostrar o que, aqui é o passe, aqui é o chute, então, eu trabalho muito com os jogos educativos quando eu saio da parte teórica eu vou mais pra essa parte prática, então, os jogos educativos (Professor 7)

Para Freire (1991), no contexto da educação escolar, o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças, não se trata de um jogo qualquer, mas sim de um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino.

O Professor 1 procura abordar o esporte por meio de circuitos de atividades para trabalhar determinada fundamentação da modalidade, porém relatou considerar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao conteúdo, mesmo que atendo-se ao aspecto motor.

Eu desenvolvo com eles, primeiro a observação daquilo que eles trazem de histórico motor e vivencial do que indica os fundamentos do desporto [...] depois dessa observação inicial, identificando aquilo que é necessário pra intensificar aqui ou ali com o desenvolvimento mais adequado, a gente vai trabalhando com implemento, propriamente dito, que é o estimulador deles, a gente não pode levar, deixar de levar isso em conta, pra conquistar o aluno, você precisa dar um elemento estimulador. E no caso deles é a bola (Professor 1).

Segundo Saviani (1999), a prática social inicial envolve uma antecipação do que será possível fazer com alunos, cujos níveis de compreensão o professor não pode conhecer, no ponto de partida, senão de forma precária.

Em contrapartida, o Professor 8 expôs que não costuma trabalhar muito com o esporte e que os alunos ficam, quase sempre, com uma "aula livre". Declara ainda que o esporte só aparece em seu planejamento porque está previsto na diretriz curricular.

Grosseiramente, assim, não que eu seja o professor rola bola, você entendeu? Que deixa os meninos lá e vou resolver outras, então assim, com todos os meninos lá na quadra, eles gostam muito, eles têm muita afinidade com queimada e com futebol (Professor 8).

González (2015), ao explicar sobre a atuação dos professores de Educação Física escolar, expõe que o abandono do trabalho docente é um tipo de atuação profissional.

Em linhas gerais, trata-se da atuação do professor que não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, a ação se reduz a uma simples administração do material didático. (GONZÁLEZ, 2015, p. 5)

Nota-se que esse tipo de aula tem como principal característica a falta de intervenção do professor, que se expressa em situações em que os alunos escolhem a atividade em que querem participar. Via de regra opta-se pelo "jogar bola" (futsal), no caso dos meninos, e queimada para as meninas. Essa situação "espontânea" recrudescer estereótipos e preconceitos de gênero no interior da escola, e confirma o abandono/ausência do planejamento pedagógico na Educação Física.

Em relação à priorização de modalidades esportivas, a maioria dos professores relatou não priorizar, porém ficou evidente que o "quarteto" aparece com destaque nos planejamentos dos entrevistados. O Professor 1 enfatizou que a priorização não é adequada.

Não entendo priorização como adequada. Mesmo porque, eu estou dando aula. Imagina um professor de matemática que só gosta de fração? Que só vai viver fração, ou regra de três, ele não vai avançar em elementos que vão construir o conhecimento do aluno, a Educação Física é de formação inclusiva! No nosso caso, o princípio que a gente segue é esse! (Professor 1).

O professor relata ainda que não gosta de ser técnico, que não entende o ambiente da sala de aula para desenvolver aspectos técnicos. Afirma que o importante é que o aluno consiga entrar na vivência em todos os campos desportivos que ele queira desenvolver para a vida dele.

Fica evidente, a partir de sua fala, que o professor em questão se distancia de uma abordagem tecnicista, privilegiando e oportunizando a vivência do esporte a fim de que os alunos se apropriem da gama de elementos pertencentes a cada modalidade, com o intuito de desenvolvê-los e aplicarem ao longo de sua vida.

Apenas dois professores relataram seguir alguma teoria ou abordagem pedagógica, um o modelo piagetiano e o outro a teoria histórico-crítica, que fundamenta o currículo da SEEDF. Infere-se o desconhecimento por parte dos professores entrevistados em relação aos pressupostos teóricos, que embasam o currículo da SEEDF ou quando os conhecem, desconsideram.

Questionados sobre os jogos escolares, a maioria dos professores sinalizou não participar por diversos motivos, principalmente por compreenderem que a aula de Educação Física no turno regular não é o

espaço adequado para se preparar uma equipe para disputa dos jogos.

Fazer dentro das aulas? Mas aí você vai ter que tirar quem não joga? Não, aqui o time que vai participar! E aí, como é que fica você como educador, como, que eu vejo muito, gosto de ver muito educação inclusiva mesmo, que abraça todos. Como que a gente vai desenvolver isso? É muito difícil! [...] É, a seleção a gente vai ter que fazer o processo de observação, de quem tem mais habilidade, tem que ser. Infelizmente, a competição é exclusiva né? Exclui mesmo! (Professor 7)

O contraturno apareceu como opção, porém aspectos de logística e infraestrutura impossibilitariam a preparação.

Como é que eu vou solicitar a um professor que me ceda um espaço onde tá trabalhando conteúdo com 34 alunos, que tá dando formação para esse aluno, para que ele tenha vivência social, coletiva adequada, o espaço escolar intensifica dentro dele, tirando espaço de aula, porque a nossa sala de aula é a nossa quadra, isso é bem claro pra gente! [...] Eu não posso, é só uma questão que a gente coloca, pedir que um professor abra mão de atender a 34 alunos pra eu trabalhar com 10. Eu não posso! Eu não estaria cumprindo meu papel como professor de escola! (Professor 1).

Diante do exposto, nota-se entrecruzamentos entre as especificidades da escola e do esporte. A circunscrição desse diálogo se torna mais complexa quando se soma às subjetividades dos professores, gerando incertezas e fragilidades ao processo de planejamento e intervenção pedagógica.

## O papel do esporte na visão dos professores

Após problematizar e situar o esporte dentro do planejamento pedagógico, indagou-se sobre qual é o entendimento dos professores em relação ao papel do esporte dentro da escola e, especificamente, como conteúdo da Educação Física escolar.

Os entrevistados relataram diversas visões em relação ao papel do esporte. Alguns visualizam o esporte como mecanismo de formação e transformação, outros como forma de inclusão, socialização e lazer, outros como meio para aquisição de saúde, além de um que entende que ele pode ser voltado ao alto rendimento.

O Professor 1 considera o esporte como um dos elementos mais democráticos dentro do espaço escolar, contribuindo para o desenvolvimento, formação e transformação do indivíduo.

Eu considero o esporte como modalidade um dos espaços mais democráticos e de construção de identidade! É muito bom quando você consegue pegar uma turma heterogênea, observando característica individual de cada um desses indivíduos,

dar a ele condição de se desenvolver dentro daquilo que ele tem como identidade pessoal, utilizando o esporte pra intensificar determinados comportamentos que irão ser importantes na vida dele lá na frente (Professor 1).

O Professor 10 relata a importância de trazer elementos no ensino do esporte para que todos se sintam incluídos, afirmando a Educação Física escolar como espaço para o esporte de inclusão, em detrimento aos aspectos relacionados ao alto rendimento. O professor 1 concorda com essa opinião e destaca o potencial do esporte no trabalho com os alunos da educação especial.

Utilizando o desporto, como ferramenta e como ferramenta segura, porque você consegue olhar o todo daquele indivíduo [...] e com a Educação Física a gente consegue fazer com que ele mude a história de vida dele, dizendo pra ele que ele tem um transtorno, ou ele tem uma deficiência ou ele tem uma situação, uma doença, algo que é crônico na vida dele, mas que não é limitador [...] E dentro da nossa aula, na vivência desportiva, com a modalidade que a gente tá desenvolvendo, esse aluno consegue se encontrar, ele se vê. Quando ele pega uma bola e precisa passar dele pra um colega, ele tá identificando ali, não mais aquele que vai colocar de lado, mas aquele que está compartilhando com ele. Quando ele recebe uma bola de alguém, a sensação que ele tem é que o colega está aceitando ele, pra participar do mesmo grupo (Professor 1).

Outros professores evidenciaram que o esporte é uma ferramenta importante para formação do aluno, ressaltando a importância de sua valorização no ambiente escolar. O Professor 5 enfatiza que o esporte é importantíssimo, porém muitas vezes negligenciado pela comunidade escolar. Kunz (2003) destaca a escola como um dos espaços de organização social onde as práticas esportivas acontecem, cabendo ao profissional da Educação Física proporcionar, pela tematização do seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das práticas esportivas, potencializando os sujeitos a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos. Isso demonstra a importância do esporte no âmbito escolar, assim como a do professor de Educação Física.

O Professor 3 destaca o que denomina de lado social do esporte. Já o Professor 4 utiliza-se da saúde como argumento de legitimação do esporte na escola, conquanto o faça de uma forma restrita sem considerar os demais aspectos do esporte como conteúdo específico da Educação Física escolar.

É como eu costumo falar muito pros meus alunos, eu não estou formando atletas, aqui é uma escola, aqui é Educação Física Escolar, então a gente não pode esquecer o lado social do esporte, a gente precisa trazer que não é só a competição (Professor 3).

Olha bem, eu comento com os meus alunos o seguinte, a vida é tão maçante, né? É totalmente desestressante, então voltado pra saúde, sempre, né? (Professor 4)

Segundo Soares *et al.* (2013), o esporte é uma prática social de origem histórico-cultural que precisa ser questionada como conteúdo pedagógico.

Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria. Na escola é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual. (SOARES *et al.*, 2013, p. 59)

O Professor 9 se contrapõe aos demais por ter um discurso que possui uma relação de proximidade com o alto rendimento.

Olha, hoje se fala muito da inclusão, né? Mas eu acredito assim, eu acho que o esporte ele também tem que ser de alto, voltado pro alto rendimento, eu acho que precisa do equilíbrio na verdade, nós poderíamos ter mais aulas, também seria uma outra solução, acho que nós poderíamos ter mais aulas (Professor 9).

Ao ser novamente questionado se o esporte dentro da Educação Física escolar deve ter essa concepção, o professor se contradiz, contudo não deixa de dar importância ao alto rendimento.

Eu não sei se ele tem espaço pro alto rendimento, mas eu acho que a gente tem que ter o pontapé. Eu creio assim, ele tem que ser inclusivo, ele tem que fazer parte, é como eu falei, o objetivo é inserir a atividade física na vida desses meninos, mas a gente não pode deixar de ter esse olhar, individual mesmo, daqueles alunos que podem, e é aí onde eu acho que a escola peca, porque deveria existir ligações, entendeu? [...] Aí de repente eu notei um talento, eu tinha que ter um lugar pra encaminhar esse aluno (Professor 9).

Em parte, a visão acima alude ao modelo piramidal da política esportiva e, ao mesmo tempo, é confirmado pelos dados do Diesporte (Diagnóstico Nacional do Esporte) que sinalizam a escola como lugar onde a maior parte (54,7%) da população tem o primeiro contato com a prática esportiva. Entretanto, o professor reconhece que a escola não é local adequado para a especialização e aprofundamento do treinamento esportivo, uma vez que reconhece a necessidade de encaminhamento para o local específico de aperfeiçoamento do “talento esportivo” identificado na aula de Educação Física.

## Considerações finais

Na perspectiva de se compreender a relação do esporte com a escola, buscou-se o embasamento da pesquisa a partir das teorias críticas da Educação e da Educação Física, a fim de se criar possibilidades para abordagem do conteúdo esporte de forma crítica, reflexiva e inclusiva.

Notou-se, a partir das análises dos PPPs das escolas, certa negligência com a Educação Física e com o esporte, possivelmente um reflexo da ausência ou distanciamento do professor específico da área no processo de elaboração do projeto. Diferente do apurado na análise documental, nas entrevistas os professores afirmaram realizar o planejamento pedagógico de forma coletiva com os demais professores de Educação Física da escola.

Metade da amostra apontou trabalhar um esporte por bimestre, dando prioridade às quatro modalidades tradicionais (futebol/futsal, vôlei, basquete e handebol), porém alguns professores relataram a busca pela pluralidade com a oferta de modalidades diversas. Ainda sobre o planejamento e organização pedagógica, observou-se uma composição que oscila desde uma perspectiva mais inclusiva de vivência/experimentação do esporte, por meio de jogos e circuitos, até uma abordagem voltada ao ensino focado nos fundamentos técnicos e táticos.

Sobre a priorização de conteúdos, revelou-se que o esporte apareceu em condição de igualdade com o tema saúde, sendo aquele meio para aquisição desta. Em relação ao esporte no ambiente escolar e como conteúdo da Educação Física, parte visualiza o esporte como mecanismo de formação e transformação, outra parcela como forma de inclusão, socialização e lazer, alguns como meio para aquisição de saúde e apenas um compreende que ele pode ser voltado ao alto rendimento.

Em suma, concluiu-se que o esporte, a partir das análises das entrevistas e dos PPPs, se distanciou de uma abordagem esportivista, seletiva e excludente, como nos moldes do esporte de alto rendimento. Talvez ainda não esteja sendo abordado de forma crítica, se relacionando, de fato, com as abordagens críticas da Educação Física, contudo se mostraram mais democráticas e inclusivas.

Isso não quer dizer que as descrições dos professores nas entrevistas se materializem efetivamente em sua prática pedagógica, já que não foi realizada observação direta das aulas, o que caracteriza uma das limitações desse estudo. Ademais, é importante destacar que a amostra utilizada foi muito específica, com escolas situadas em uma mesma região, portanto não é possível generalizar os achados dessa pesquisa, uma vez que são incapazes de apanhar toda a diversidade socioeconômica e cultural do Distrito Federal.

## Notas

- <sup>1</sup> O Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) é um curso com oferta nacional, realizado por uma rede de Instituições de Ensino Superior no contexto da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e coordenado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).
- <sup>2</sup> Os periódicos investigados foram: Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Pensar a prática; Revista Movimento; Motrivivência; Revista Brasileira de Ciência e Movimento; e Revista da Educação Física/UEM
- <sup>3</sup> Parecer nº 3.414.106.
- <sup>4</sup> Coletivo de autores é a forma como ficou conhecido a autoria do livro “Metodologia de Ensino da Educação Física”, obra seminal na Educação Física e que apresenta uma proposta da pedagogia crítica brasileira, intitulada crítico-superadora.

## Referências

- BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, p. 25-31, Junho 1999.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. 2ª. ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3ª. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRASIL, MINISTÉRIO DO ESPORTE. Política Nacional do Esporte, Brasília, Junho 2005.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>>. Acesso em: 22 Julho 2019.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Projeto reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta pedagógica para Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, p. 11-19, ago. 1997.
- DARIDO, Suraya Cristina; VENÂNCIO, Luciana. A educação física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, p. 97-109, jan/mar 2012.
- FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, p. 89-111, Janeiro/Abril 2004.
- FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física**. 2ª. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- GAYA, Adroaldo Cezar Araujo. **As ciências do desporto nos países de língua portuguesa. Uma abordagem epistemológica**. Porto: Universidade do Porto, 1994.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Atuação dos professores na Educação Física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica**. CONBRACE. Vitória, Espírito Santo: [s.n.]. 2015.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- KUNZ, E. **Didática da educação física 2**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na Adolescência - Construindo o Conhecimento na Escola**. São Paulo: Phorte, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Savio Assis de. **Reinventando o esporte: Possibilidades da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32ª. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.
- SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física [livro eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- SOUZA, Maristela da Silva. **Esporte Escolar. Possibilidade superadora no plano da cultura corporal**. São Paulo: Ícone, 2009.
- TAFFAREL, Celi Neuza Zulke. Desporto Educaional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 15-35, 2000.
- TUBINO, Manuel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Autores Associados, 1992.
- VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, p. 4-17, 1996.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Escola: Espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, v. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico, 1998.